

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 28/01/2023.

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

O AFRICANO

Dilemas literários, históricos e sociais de um jornal moçambicano (1908-
1919)

ASSIS

2021

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

O AFRICANO

Dilemas literários, históricos e sociais de um jornal moçambicano (1908-1919)

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

ORIENTADORA: SANDRA FERREIRA

ASSIS

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

S192a Sampaio, Thiago Henrique
O africano: dilemas literários, históricos e sociais de um
jornal moçambicano (1908-1919) / Thiago Henrique
Sampaio. Assis, 2020.
225 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Sandra Aparecida Ferreira

1. Jornais moçambicanos. 2. Albasini, João, 1813-1888.
3. Albasini, José, 1877-1935. 4. Imprensa - Moçambique. I.
Título.

CDD 070.9



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO



TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: *O AFRICANO*: Dilemas literários, históricos e sociológicos de um jornal moçambicano (1908- 1919)

AUTOR: THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

ORIENTADORA: SANDRA APARECIDA FERREIRA

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em LETRAS, área: Literatura e Vida Social pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. SANDRA APARECIDA FERREIRA (Participação Virtual)
Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/FCL-Assis

Profa. Dra. RAQUEL GRYSZCZENKO ALVES GOMES (Participação Virtual)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / UNICAMP/Campinas

Prof. Dr. ALVARO SANTOS SIMÕES JUNIOR (Participação Virtual)
Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/FCL-Assis

Assis, 28 de janeiro de 2021

*In memoriam de Márcia da Silva Sampaio, minha mãe,
que sempre teve orgulho das minhas conquistas.*

AGRADECIMENTOS

Ao terminarmos uma pesquisa, o processo de escrita dos agradecimentos torna-se um processo de reconhecimento e gratidão a pessoas que encontramos e instituições pelas quais passamos para a construção e desenvolvimento do que aqui será apresentado. Lembro que essa pesquisa só foi possível graças a colaboração de amigos e atenção direta e indireta de várias pessoas. Já antecipo meu muito obrigado.

Primeiramente, a minha orientadora Sandra Aparecida Ferreira, que com todo o carinho, paciência, profissionalismo e zelo me orientou ao longo desses dois anos e meio e que se demonstrou ao longo da sua trajetória acadêmica um modelo ímpar a ser seguido pelos seus orientandos e alunos. Sem sua atenção, calma, sugestões, críticas e conselhos a pesquisa não teria chegado aos resultados obtidos.

A professora Fernanda do Nascimento Thomaz por ter fornecido a documentação que utilizo nessa pesquisa e ao professor César Braga-Pinto pelo envio da obra *João Albasini e as Luzes de Nwanzengele*, fundamental para as minhas reflexões.

Agradeço a participação nas bancas de defesa e qualificação da professora Raquel Gryszczenko Alves Gomes (UNICAMP) e do professor Álvaro Santos Simões Júnior (UNESP/Assis) pelas sugestões, conselhos e ajudas ao longo da pesquisa.

À minha família, nas figuras de Roselina Sandoval, Marcos Sampaio, Márcia Sampaio, Zelinda Sampaio e Marta Sandoval, que sempre se preocuparam em saber como eu estava em Assis, me ligavam todo dia e me incentivaram a seguir as trajetórias e escolhas que fiz.

Aos amigos que Assis e a universidade me trouxeram ao longo desses anos. Entre eles estão Arthur Duarte, Fernanda Gomes, João Paulo, Lucas Mota, Aline Nascimento, Monyque Nalia, Luiz Karat, José Lino, Daniela Oliveira, Leonardo Paes, Bruna Gomes, Nathalia Agnes, Gabriela Cacefo, Lucas Boiani, além de outros que não nomeei, mas que o companheirismo, a atenção e uma conversa amiga naqueles momentos de crise ao longo da pesquisa tiveram um papel fundamental para continuar o desenvolvimento da dissertação. Além de serem pessoas que se mostraram essenciais na minha caminhada e em momentos difíceis que passei nos últimos anos.

Aos pesquisadores do grupo de pesquisa Religiões e Trajetórias das Experiências Missionárias em África pela acolhida e toda atenção dada ao longo da pesquisa, principalmente suas coordenadoras Patrícia Teixeira Santos (UNIFESP), Lúcia Helena Oliveira Silva (UNESP/Assis) e Elvira Mea (Universidade do Porto).

Aos amigos de pesquisa que sempre tinham sugestões e acréscimos valiosos para serem dados com suas leituras atenciosas e minuciosas como Alex Rogério Silva, Helena Wakim Moreno, Thiago Folador, Marcos Paulo Amorim e outros.

Aos amigos e colegas da EE Clybas Pinto Ferraz como Aida Jamal, Bruno Souza, Nayara Camilo, Cintia Bueno, Elaine Caetano, Mariangela Pasquarelli, Maria Antonia Costa e outros que sempre se colocam presentes em minha vida nas mais diferentes situações e não apenas nas profissionais.

Aos professores do antigo Departamento de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras (UNESP/Assis) entre os quais posso citar Benedito Antunes, Fabiano Rodrigo da Silva Santos, Álvaro Simões Júnior, Silvia Azevedo, Márcio Roberto Pereira e Rosane Gazolla Feitosa por serem exemplos de pesquisadores entre seus alunos da graduação e da pós-graduação, e pelas batalhas intensas em que a área de Literatura vem atuando no campus de Assis em níveis de graduação e pós.

Aos professores do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras (UNESP/Assis) entre os quais posso nomear Paulo Cesar Gonçalves, Wilton Carlos Lima da Silva, Lucia Helena Oliveira Silva, André Figueiredo Rodrigues, José Luis Bendicho Beired e Eduardo José Afonso.

Aos funcionários da biblioteca, seção de pós-graduação e secretaria do departamento de Literatura, tais como Roseli Pinheiro, José Lino, Marcos Francisco, Lucilene Franco e Monique Pereira que, mesmo com o processo de sucateamento e desestruturação de que nossa universidade tem sido vítima nos últimos anos, se mostraram como ninguém prestativos, atenciosos, cuidadosos e ágeis com as dúvidas surgidas, não só por mim, mas por diversos estudantes da pós-graduação. Assim, eles demonstram com maestria a importância dos servidores técnicos-administrativos para a manutenção e qualidade de uma instituição de ensino.

A Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP/Assis), pela qualidade da minha formação ao longo da graduação e da pós-graduação. Que mesmo com os desmazelos, desestruturação e sucateamento que vem sofrendo na última década, tem resistido com primazia para propiciar a diversos estudantes como eu um ensino de qualidade e excelência em momentos em que a educação, a pesquisa e as ciências têm sido colocadas como inimigas por diversas autoridades de nossa nação.

A Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UNESP, que não me possibilitou participar da atribuição de bolsas do meu próprio programa, mesmo com autorização da CAPES e apoio

dos membros da comissão de bolsas, alegando como justificativa o fato de eu possuir uma titulação no mesmo nível. A negativa permitiu abertura de portas e possibilitou que eu tivesse uma experiência muito proveitosa com a Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP) no seu programa de Formação Didático-Pedagógica para Cursos na Modalidade a Distância, em que atuei como facilitador.

E, por fim, mas não menos importante, a VIDA. A pesquisa atravessou quase um ano de uma pandemia que não foi levada a sério por várias autoridades políticas, trouxe transtornos psicológicos e consequências financeiras para milhares de pessoas e vitimizou diretamente **181.835** brasileiros (15/12/2020), devemos refletir sobre quantos estudantes, professores ou pesquisadores tiveram alguma perda de pessoas queridas durante a permanência da COVID-19 ou mesmo se tornaram vítimas dela no Brasil. Tal situação só reforça a nossa luta diária e permanente por uma Educação Superior pública, laica e de qualidade, além da defesa constante das ciências em nosso país. Principalmente em um contexto em que afloram pelo país e em instituições de ensino os “monstros colaboradores”, que ajudam na desestruturação, degeneração e sucateamentos das universidades, institutos ou faculdades. Por isso, FORA BOLSONARO!

SAMPAIO, Thiago Henrique. 2021. ***O Africano: dilemas literários, históricos e sociais de um jornal moçambicano (1908-1919)***. f. 225. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2021.

RESUMO

A dissertação tem por foco o percurso do periódico *O Africano* de Moçambique durante os anos de 1908 a 1919. Na pesquisa, partimos do objetivo de entender o papel do jornal em seu contexto de publicação para compreendermos a importância de sua trajetória no sistema literário de Moçambique, trabalhando com a perspectiva de seus gestores (João Albasini e José Albasini) e seus colaboradores. Para o direcionamento desta pesquisa, acreditamos que *O Africano* permitiu a germinação de um sistema literário em Moçambique, entre os anos de 1908 e 1919. Seus administradores, João Albasini e José Albasini, por meio de uma importante rede de sociabilidade, conseguiram construir uma base para os homens de letras que surgirão posteriormente na colônia de Moçambique.

Palavras-chaves: *O Africano*, João Albasini, José Albasini, Colonialismo, Imprensa em África

SAMPAIO, Thiago Henrique. 2021. ***O Africano: literary, historical and social dilemmas of a Mozambican newspaper (1908-1919)***. f. 225. Dissertation (Master of Letters) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2021.

ABSTRACT

The dissertation focused on the trajectory of the journal *O Africano* of Mozambique during the years 1908 to 1919. In the research we start from the objective of understanding the role of the newspaper in its local society to understand the importance of its trajectory within the literary system of Mozambique, working with the perspective of its managers (João Albasini and José Albasini) and their collaborators. To guide this research, we believe that *O Africano* allowed the germination of a literary system in Mozambique, between the years 1908 and 1919. Its administrators, João Albasini and José Albasini, through an important sociability network managed to build a base for the men of letters that will later appear in the colony of Mozambique.

Keys-words: *O Africano*, João Albasini, José Albasini, Colonialism, Press in African

LISTA DE IMAGENS

Figura 1.1. Exemplo de Boletim Oficial – <i>Boletim Oficial de Angola</i>	34
Figura 1.2. Limites da Província de Moçambique (1891)	38
Figura 1.3. Divisão administrativa de Moçambique (1910)	42
Figura 1.4. Mapa da cidade de Lourenço Marques (1920)	51
Figura 1.5. João Albasini, na parte superior a direita	64
Figura 2.1. Sede do Grêmio Africano (1920)	75
Figura 2.2 Primeiro número do periódico <i>O Africano</i> (25/12/1908)	78
Figura 2.3 João Albasini	102
Figura 2.4 José Francisco Albasini, o Bandana	112
Figura 3.1. Censura da seção em língua landim no periódico <i>O Africano</i>	136
Figura 3.2. Censura na primeira página de <i>O Africano</i>	136
Figura 3.3. Seção em landim novamente censurada no número seguinte	137
Figura 3.4. Texto do João das Regras censurado no mês de abril de 1916	137
Figura 3.5. Primeira página do periódico <i>O Africano</i> no mês de abril de 1916	138
Figura 3.6. Editorial censurado em <i>O Africano</i>	140
Figura 3.7 Padre José Vicente do Sacramento e Santos Rufino	157
Figura 3.8 Ensino e Educação em Moçambique	159
Figura 3.9 Liceu 5 de outubro, fundado em 1918 em Lourenço Marques	160
Figura 3.10 Anúncio da Caza Sport	169
Figura 3.11 Empreza União Automobilista	169
Figura 3.12 Salão de Moda Fabião e Silva – Lindos Cortes	171
Figura 3.13 Salão de Moda Fabião e Silva – Chapéus para Senhoras	172
Figura 3.14 Salão de Moda Fabião e Silva – Estação de Inverno	173
Figura 3.15 Não tem rival! Podeis acreditar!	175
Figura 3.16 Chegou no vapor portuguez!	176
Figura 3.17 Indicação de livro	182
Figura 3.18 Poema publicado no jornal “Versos de Pé Quebrado” V.S	184
Figura 3.19 Poema publicado no jornal “Será Verdade?!”	185
Figura 3.20 Poema publicado no jornal “Coração Turvo”	186
Figura 3.21 Poema publicado no jornal “O Africano” no Chai-Chai	187
Figura 3.22 Poema publicado no jornal “O Coração”	188

Figura 4.1 João Albasini e sua caricatura	196
Figura 4.2 Cabeçalho do periódico a partir da administração do Padre José Vicente do Sacramento	211

LISTA DE TABELAS

Tabela 3.1. Importação de vinho colonial para Moçambique em hectolitros (1888-1896)	144
Tabela 3.2. Vinho importado para Lourenço Marques (1897-1914)	146
Tabela 4.1 Divisão administrativa das áreas “indígenas” e europeias	194

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Hipótese e Objetivos	16
Referencial Teórico e Metodologia de Análise	17
A historiografia brasileira sobre <i>O Africano</i> e o que tentamos trazer de informação nova	23
1. A IMPRENSA, A REPÚBLICA E OS ASSIMILADOS: O CASO DE MOÇAMBIQUE COLONIAL	26
Literatura, história e imprensa: diálogos possíveis	27
A Primeira República, as missões em Moçambique e a autonomia local	44
Intermediários da colonização: os assimilados e seu domínio da língua.....	49
Os intelectuais e os escritores engajados	59
2. “EM DEFESA DA CAUSA AFRICANA”: O JORNAL O AFRICANO E A ESCRITA COMBATIVA DOS ALBASINI	66
O surgimento de um jornal combativo: o periódico <i>O Africano</i>	66
Entre o ronga e o português: a escolha de uma língua?.....	80
O (s) arauto (s) de uma sociedade em transformação: João Albasini e seus heterônimos	90
A trajetória e a escrita literária de José Albasini (O Bandana)	111
CAPÍTULO 3. LITERATURA E SOCIEDADE: A CRÍTICA SOCIAL NAS PÁGINAS DE O AFRICANO	120
Um mundo em conflito: a Primeira Guerra Mundial e seus impactos em Portugal e Moçambique	120
Promessa e mais promessas: a Primeira República Portuguesa e suas mazelas administrativas	130
Entre o silenciamento e a ironia: a censura nas páginas de <i>O Africano</i>	135
“ <i>No paiz da bebedeira</i> ”: o vinho para o preto e as práticas de alcoolismo em Moçambique	145
Por uma educação para todos: a defesa da instrução indígena nas páginas de <i>O Africano</i>	156
Propagandas e comunicados nas páginas de <i>O Africano</i>	166
O fracasso missionário nas linhas de <i>O Africano</i>	178
Um espaço literário e de circulação de informações	182
CAPÍTULO 4. “TUDO QUE É SÓLIDO DESMANCHA NO AR”: OS MOMENTOS FINAIS DE O AFRICANO	191
“A tal Portaria”: o Estatuto dos Assimilados nas linhas de <i>O Africano</i>	191
Os assimilados e o presidente-rei: o Sidonismo e João Albasini.....	203
E tudo chega ao fim: o editorial final e a “nova administração”	208
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	214
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	217
ANEXO.....	222
Anno Novo – Era nova	222

INTRODUÇÃO

Desejo entrar em considerações que vão irritar muita gente e trazer discussões azedas. Falta-me o tempo, e quiçá a competência. Contudo vou tentar e, escudado com a arma forte da razão, estou convencido de que chegarei ao fim da jornada, mais ileso que ferido, pois estou também convencido de que muito pode a verdade dita com convicção, muito embora dita em África... (João Albasini)

A pesquisa ora apresentada situa-se no campo de Estudos Africanos, com especial atenção à História Literária de Moçambique. Ao tratarmos de imprensa nas décadas finais de Oitocentos e início da centúria seguinte, temos em mente sistemas literários consolidados e autores buscando maior afirmação social e intelectual em sua comunidade. Mas, no caso do continente africano, especificamente de Moçambique, como isso funcionava?

Em Moçambique, notaremos que o surgimento da imprensa ocorreu de forma tardia e, mais tardiamente ainda, deu-se a estruturação de um sistema literário, já às vésperas da Segunda Guerra Mundial. A Imprensa nas colônias portuguesas apareceu apenas em meados de Oitocentos, sendo veículos ligados primeiramente às administrações coloniais. Nas décadas finais de XIX, começam a surgir grupos organizados, compostos por aqueles que, ou não faziam parte gestões existentes em Moçambique, ou possuíam interesses a elas vinculados.

A intensa ocupação de Moçambique, ocorrida nas décadas finais de XIX, e as legislações de controle da população nativa pelo Estado Colonial causaram grande impacto sobre a elite negra letrada local. Nas primeiras décadas do século XX, um grupo de africanos letrados buscou organizar-se em associações e produzir os primeiros impressos que dariam bases para a construção de um sistema literário. Esse núcleo foi o Grêmio Africano e seu jornal *O Africano*.

O Africano foi um importante periódico em Moçambique nas primeiras décadas do século XX. Foi administrado pelos irmãos João Albasini e José Albasini, ambos jornalistas e escritores que publicaram em suas páginas importantes editoriais e crônicas, que denunciavam as mazelas, problemas e abusos das administrações coloniais portuguesas.

Além dos irmãos Albassini, *O Africano* contou com importantes colaboradores, que demonstraram a seu público leitor as atrocidades e sofrimentos do cotidiano colonial existente em Moçambique.

O Africano foi publicado de 1908 a 1909 como um dos principais periódicos em Moçambique. Tornou-se um jornal semanal e um importante órgão representativo dos africanos letrados na colônia. Em suas páginas, percebemos a busca de organização da população para melhorias das condições na colônia, a reivindicação por educação para todos, a denúncia de mazelas e abusos das administrações, bem como da desestruturação de costumes e do cotidiano trazida pelas práticas colonialistas.

Hipótese e Objetivos

Com o surgimento de uma elite africana alfabetizada em Moçambique, que começou a se organizar nas primeiras décadas do século XX, surgiram textos com certo apelo literário nas páginas de *O Africano*. Podemos, em razão disso, considerar que o periódico deu sustentação à possibilidade de germinação de um sistema literário em Moçambique, entre os anos de 1908 e 1919. Graças a uma importante rede de sociabilidade, seus administradores João Albasini, José Albasini e Estácio Dias construíram uma base decisiva para os homens de letras das décadas seguintes.

A partir da hipótese apresentada, o objetivo principal é estudar a natureza da atuação do jornal *O Africano* na sociedade moçambicana, para compreender a importância de sua trajetória para o sistema literário de Moçambique, por meio da perspectiva de seus gestores e colaboradores. Dessa forma, entenderemos os posicionamentos políticos e o caráter combativo do periódico ao longo da sua existência (1908-1919).

Como objetivo secundário, propomos entender o jornal como um propagador de ideais políticos e sociais em defesa da causa africana em Moçambique, devido às mazelas e injustiças das más administrações portuguesas. Além dos pontos apresentados, a importância dessa pesquisa reside no fato de que ela entrecruza dois campos de estudo, Literatura e História, fundamentais e valiosos na busca de uma compreensão da realidade social, na qual devemos entender o jornal como um meio de divulgação de ideais para um determinado público em uma época.

Referencial Teórico e Metodologia de Análise

Valemo-nos da coleção do jornal *O Africano* (1908-1919) em formato eletrônico, disponibilizado pelo Centro de Digitalização do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Os microfilmes originais foram cedidos por José Capela e Valdemir Zamparoni à UFBA. A documentação chegou a nós por meio da professora Fernanda do Nascimento Thomaz da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em 2015. O corpus documental conta com mais de 2.500 páginas digitalizadas percorrendo os anos de existência do periódico.

Esse corpus é constituído pelos mais de 600 números do jornal *O Africano*. Para sua análise, consideramos: data da publicação, número, ano, quantidade de páginas, quantidade e natureza de anúncios publicitários, páginas em português, páginas em ronga, linha editorial e observações. Nesse último quesito, verificamos o surgimento de alguns colaboradores, uso de pseudônimos, publicação de legislações da época, de textos estrangeiros ou de outras personalidades históricas.

Um dos referenciais teóricos da pesquisa apoia-se em Antonio Candido¹. Partiremos de dados sociais como os “núcleos de elaboração estética” nos escritos apresentados em *O Africano*, encarando a literatura enquanto produto social. Assim, como assinala Antonio Candido, é importante “investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais” presentes nas obras e produções de época. A necessidade de os escritores, em seu momento histórico, levarem em consideração os impactos e a influência do meio social para a fecundação de seus textos.

Partindo das considerações de Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira*² e com o apoio de Anita Martins Rodrigues de Moraes³, tentaremos discutirmos esse conceito no sistema literário moçambicano em incipiente formação e desenvolvimento. Os conceitos de formação, desenvolvimento e literatura são aqui empregados na perspectiva de Antonio Candido:

Para compreender em que sentido é tomada a palavra formação, e por que se qualificam de decisivos os momentos estudados, convém principiar distinguindo

¹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedades: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000, p. 19-21.

² CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins. 1961, v. 1.

³ MORAES, Anita Martins Rodrigues de. Notas sobre o conceito de “sistema literário” de Antonio Candido nos Estudos de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. *Itinerários*, Araraquara, n. 30, jan/jun.2010, p. 65-84.

manifestações literárias de literatura propriamente dita, considerando aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase⁴.

A partir dessas considerações do crítico literário, percebemos que, ao tratar das publicações de *O Africano*, estamos lidando com manifestações literárias, que passariam por formação e transformações. Em início do século XX, em Moçambique, não havia um “sistema de obras ligadas por denominadores comuns”, mas produções isoladas em periódicos. Dessa forma, *O Africano* torna-se uma face das “manifestações literárias” da época.

Por denominadores comuns, Antonio Candido entende os elementos internos – como a língua, imagens e temas compartilhados – e os elementos externos, que incluem produtores conscientes de seu papel, os receptores (público leitor) e uma linguagem passível de transmissão⁵. Ao longo desta pesquisa, perceberemos que tanto os elementos internos quanto externos encontravam-se ainda em sua fase embrionária em Moçambique.

Se o sistema literário em Moçambique ainda não estava constituído, podemos compreender que o espaço dado para *O Africano* permitiu o aparecimento de uma escrita de qualidade, inspirada tanto individual quanto coletivamente e influenciada tanto por fatores internos quanto externos de seu contexto histórico.

Um questionamento trazido por Anita Martins Rodrigues de Moraes, e importante para nossas discussões, é “como é possível dizer que haja manifestação literária sem sistema literário? Há alguma produção artística independente de um sistema simbólico de comunicação?”⁶. Salientamos que, diversamente do Brasil, onde a literatura se tornou chave para a compreensão e formação de um sistema de nacionalidade (formação de um sentimento de unidade e identidade), em Moçambique, os escritores atuantes em *O Africano*, em nenhum momento reivindicaram sua moçambicanidade, pelo contrário, consideravam-se portugueses e essa afirmação estava patente em seus primeiros números. A concepção desses escritores sobre isso mudará após a promulgação do Estatuto do Assimilado em 1917.

O grupo gestor de *O Africano* conhecia bem o contexto local. Criticavam as administrações coloniais portuguesas e a República, mas não buscaram o rompimento com a metrópole lusitana. Porém, seu conhecimento sobre “realidade local; a valorização das populações aborígenes; o desejo de contribuir com o progresso do país; a incorporação aos

⁴ CANDIDO, Antonio. *Op. Cit.*, p. 25

⁵ CANDIDO, Antonio. *Op. Cit.*, p. 25.

⁶ MORAES, Anita Martins Rodrigues de. *Op. Cit.*, p. 68.

padrões europeus”⁷ lançaram os genes do que seria construído posteriormente na literatura moçambicana.

De acordo com Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado⁸, ao escolhermos um jornal como objeto devemos entender a imprensa como um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção em uma sociedade. Assim, convém não acreditar nele como mero veículo de informações ou algo isolado política e socialmente da comunidade em que se insere. Além disso, para compreendemos a relação Literatura e História a partir do jornal analisamos também os aspectos da produção e do consumo desse impresso⁹.

Benedict Anderson em sua obra *Comunidades Imaginadas* assinala que as primeiras gazetas surgidas no continente americano traziam informações comerciais, preços vigentes de mercadorias, decretos políticos coloniais, casamentos de pessoas ricas e assim por diante. O jornal *O Africano* apresentava em suas páginas portarias da administração colonial e trazia na seção de anúncios os produtos comercializados em Lourenço Marques. Dessa forma, percebemos que os jornais ou periódicos oriundos do espaço colonial trazia em seus sucessivos números uma pluralidade que representava a situação colonial¹⁰.

A circulação de *O Africano* permite compreender que, ao longo de sua existência, iniciada em 25 de dezembro de 1908, o periódico se declarou o “jornal semanal de maior circulação na província de Moçambique”. Dessa forma, seus ideais e posicionamentos sociais conseguiam ter uma ampla circulação no território colonial. Como veremos, *O Africano* não se restringia apenas a Moçambique, era comercializado para trabalhadores moçambicanos que iam para as minas da União Sul-Africana.

Ao analisarmos os textos (editoriais e crônicas) escritos por João Albasini, seus pseudônimos e os colaboradores do *O Africano*, levamos em conta o engajamento do escritor nas causas sociais da sua época e do setor social que representava. Para trabalharmos os conceitos de escritor engajado, nos apoiaremos em Benjamin Abdala Junior, Tania Macedo, Jean-Paul Sartre, Antonio Gramsci e Albert Memmi.

Em *Literatura, história e política*, Benjamin Abdala Junior demonstra a articulação existente entre obra e autores na concepção de literatura engajada. Assim, a escrita passa a

⁷ CANDIDO, Antonio. *Op. Cit.*, p. 75.

⁸ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino. Imprensa e ideologia: o jornal o Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980, p. XIX.

⁹ LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2017, p. 2.

¹⁰ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 102.

ser vista como um mecanismo de transformação social. Diferente de Antonio Candido, que acreditava na constituição de uma consciência nacional através da literatura, Benjamin Abdala Junior percebe a construção de uma consciência política engajada através dos escritos de certos autores. De acordo com Anita Martins Rodrigues de Moraes, no caso das literaturas africanas de língua portuguesa o nacionalismo embrionário e a crítica ao colonialismo permitiram que as literaturas, em seu desenvolvimento, assumissem um papel de construção e engajamento social¹¹.

O engajamento jornalístico-literário dos posicionamentos de João Albasini em *O Africano* permite a denúncia forte das mazelas do colonialismo português. Seu estilo era duro e combativo, mas expressivamente elaborado, como podemos notar no texto *Modus Vivendi...* de 10 de março de 1915, em que criticava as condições de vida dos moçambicanos que migravam para trabalhar na região do Transvaal

Cada um deles por certo se lembrava que lá longe, na sua terra, em ocasiões varias – ora, se se lembravam! – tinham ouvido da boca do intérprete e muitas vezes pela ação vesicatória da palmatória ou a cáustica da multa que largar o serviço a maio do caminho era muito mau e que os compromissos se levam até o fim. Mas não podiam deixar de tirar a única conclusão lógica que o fato nos sugere... Nem toda a gente tem Cônsul, nem todos os povos têm estância de justiça. Deles narros se queixam todos e sobre eles desce o castigo com precisão e às vezes sem oportunidade. Contra eles há toda uma montanha de legislação¹².

Para ilustrar o engajamento dos colaboradores do jornal, podemos citar os textos de Nyeleti (em ronga, Nyeleti significa “estrela”), pseudônimo de um operário de Lourenço Marques. Em seus textos, fazia a defesa da classe trabalhadora e denunciava a alta exploração do operariado, que não possuía consciência da sua condição, como podemos observar no texto *1º de maio* publicado em 2 de maio de 1914:

Mais um ano a comemorar as vítimas do banditismo capitalista, em Chicago. Mais um ano de luta pela reivindicação dos trabalhadores, essa grande massa anônima, produtora de tudo quanto existe, proporcionando aos outros todos os confortos, semeando todas as riquezas e deixando que a miséria, o vilipêndio e a escravidão sejam recompensa ao seu esforço. O trabalho, o grande gerador de tudo que nos rodeia, o deslumbrante foco de toda a vida social, não tem sido encarado devidamente pelo prisma da independência, o que tem direito, pelos seus agentes. Se a massa operária, essa poderosa força, tivesse a nítida compreensão do seu valor, teria uma vida absolutamente feliz e independente. Infelizmente, apesar de

¹¹ MORAES, Anita Martins Rodrigues de. *Op. Cit.*, p. 77.

¹² *O Africano*, 10 de março de 1915.

alguma diminuta coisa ter conseguido está muitíssimo longe ainda de alcançar a meta¹³.

A relação entre Literatura e História nesta pesquisa deriva do fato de o jornalismo favorecer o vínculo entre as duas disciplinas. Fique estabelecido, porém, que o conceito de literário, nesta dissertação, remete apenas aos rasgos de estilo dos colaboradores, que são notoriamente mais interessados na problematização da realidade que em sua transfiguração. Em razão disso, nosso propósito é compreender como a realidade social é empenhada e expressivamente representada em *O Africano*.

A imprensa publicou muitas das grandes obras narrativas ocidentais em Oitocentos¹⁴ e tornou-se a principal editora de narrativas ao longo do século XIX e nas primeiras décadas da centúria seguinte. De acordo com Eric Sòria:

Ao falar de poesia e de narrativa publicadas nos jornais não se pode esquecer géneros que já tinham uma longa vida antes do seu aparecimento na imprensa e que podem ser entendidos perfeitamente sem ela (embora a imprensa, com o seu aparecimento regular, possa explicar as derivações seriadas, como os folhetins). Mas há diversas classes de textos na minha opinião literários, que existiram e prosperaram graças ao papel dos jornais¹⁵.

Com essas considerações percebemos o impulso dado pela imprensa às carreiras dos literatos com a publicação de seus escritos. No caso de *O Africano*, há presença constante de artigos de opinião, editoriais e crônicas que foram analisados no corpus documental. O recorte da pesquisa privilegiou textos escritos por João Albasini e seus pseudônimos, mas convém destacarmos a presença de colaboradores assíduos no periódico. Assim

No âmbito do estilo impõe-se a distinção entre o colaborador descontínuo da imprensa e o escritor que mantém ao longo do tempo uma coluna regular. No segundo caso, pode-se criar uma cumplicidade profunda entre o jornalista e uma parte do público, que se torna no seu público. Isto permite o desenvolvimento de toda uma gama de recursos que por vezes podem fazer cair em presunção, mas que frequentemente estimulam a expressividade literária do texto e que são apreciados e esperados pelos seus seguidores¹⁶.

A publicação constante no periódico é inegável, como veremos, pois João Albasini e seus pseudônimos conquistaram uma parcela significativa de leitores e isso influenciou a

¹³ *O Africano*, 2 de maio de 1914.

¹⁴ SÒRIA, Eric. O jornalismo literário – ou a imprensa veículo da literatura moderna. *Caleidoscópio Revista de Comunicação e Cultura*, n. 5/6 (2005), p. 191.

¹⁵ SÒRIA, Eric. *Op.cit.*, p. 191.

¹⁶ SÒRIA, Eric. *Op.cit.*, p. 194.

circulação do periódico, tornando-o “o de maior circulação em Moçambique”, como o mesmo anunciava em seu slogan. Além disso, a existência de colaboradores heterodoxos (desde missionários a setores ligados mais ao proletariado, como anarquistas) mostrava a importância de *O Africano* na construção de uma mentalidade social local.

As crônicas assinadas por João Albasini (pseudônimos inclusive) e seus colaboradores evidenciam a construção de uma escrita própria, por meio da expressividade estilística. Os textos fundamentavam-se na crítica social ao cotidiano colonial e nas transformações vividas em Moçambique nas primeiras décadas do século XX. Trata-se de uma escrita mais próxima dos leitores em um registro fortemente cronístico. De acordo com Antonio Candido

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. “Graças a Deus” – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. (...) Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza: e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado é um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição¹⁷.

A proximidade da crônica com o cotidiano do leitor e seu entorno pode ter sido, como veremos, uma das razões do grande sucesso de *O Africano*. Além disso, o registro linguístico do gênero crônica mescla o linguajar coloquial à prosa solidificada, tornando-a acessível aos leitores moçambicanos no início do século XX.

A respeito do estilo literário do gênero crônica, Antonio Candido observa:

O fato de ficar tão perto do dia-a-dia age como quebra do monumental e da ênfase. Não que estas coisas sejam necessariamente ruins. Há estilos roncantes mas eficientes, e muita grandiloquência consegue não só arrepiar, mas nos deixar honestamente admirados. O problema é que a magnitude do assunto e a pompa da linguagem podem atuar como disfarce da realidade e mesmo da verdade. A literatura corre com frequência este risco, cujo resultado é quebrar no leitor a possibilidade de ver as coisas com retidão e pensar em consequência disto. Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas

¹⁷ CANDIDO, Antônio. A vida aos rés-do-chão. IN: ANDRADE, Carlos Drummond de et al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1987, p. 5.

formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas – sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. Isso acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa¹⁸.

A investigação aqui realizada, partindo das concepções teóricas e metodológicas das relações entre Literatura e História, poderá compreender a contribuição do jornal *O Africano* para o sistema literário moçambicano, além de sistematizar aspectos importantes da cultura e do cotidiano de Moçambique em início do século XX.

A historiografia brasileira sobre *O Africano* e o que tentamos trazer de informação nova

O periódico *O Africano* constitui uma importante documentação, já utilizada em outras pesquisas de pós-graduação pelo Brasil. A consideração dessa fonte confunde-se com o início dos Estudos Africanos no país, pois é fundamental para compreender as primeiras décadas do século XX em Moçambique.

Um dos pioneiros no estudo desse periódico foi o historiador Valdemir Zamparoni, com a tese *Entre Narros & Mulungos (Colonialismo e paisagem social em Lourenço Marques c. 1890- c.1940)* em 1998 no Programa de História Social da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação de Carlos Guilherme Mota. Nesse trabalho, buscou retratar diferentes aspectos da vida cotidiana em Lourenço Marques em suas múltiplas faces: trabalho, as formações dos espaços urbanos, o vinho colonial, a educação missionária e as noções de indígenas e assimilados. Valdemir Zamparoni pesquisou, além de *O Africano*, uma série de jornais da imprensa moçambicana da primeira metade do século XX.

Uma década depois dessa tese, em 2008, é defendida a dissertação *Os 'filhos da Terra': discurso e resistência nas relações coloniais no sul de Moçambique (1890-1930)*, de Fernanda do Nascimento Thomaz, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF), sob a orientação de Marcelo Bittencourt Ivair Pinto. Nessa pesquisa, Fernanda do Nascimento Thomaz busca entender os discursos e resistências existentes em Lourenço Marques pelos chamados *filhos da terra* entre o período de 1890-1930. Fernanda Thomaz apresenta as definições do que seriam os assimilados e sua ação social em Moçambique através da imprensa e do Grêmio Africano de Lourenço Marques.

¹⁸ CANDIDO, Antônio. *Op. Cit.*, p. 6-7.

Em 2016, no Programa de Pós-Graduação de História na UNICAMP, ocorreu a defesa de trabalho denominado *Grandiosos batuques: identidades e experiências dos trabalhadores urbanos africanos de Lourenço Marques (1890-1930)* de Matheus Serva Pereira sob orientação de Lucilene Reginaldo. Em sua pesquisa, Matheus Serva Pereira buscou analisar os chamados “batuques” como uma das experiências cotidianas da população considerada indígena durante as primeiras décadas do Estado Colonial em Moçambique. Na tese, as categorizações utilizadas pelo colonialismo português não dão conta da multiplicidade de vivências ocorridas no sul de Moçambique e pretende demonstrar as experiências e reinvenções cotidianas utilizadas pela população indígena de Lourenço Marques.

A contribuição desta pesquisa aos estudos sobre a imprensa moçambicana será pensar o periódico *O Africano* à luz da Teoria Literária. Consideramos esse jornal como uma das primeiras ferramentas de manifestações literárias existentes em Moçambique nas primeiras décadas de Novecentos. Este trabalho é dividido em quatro capítulos. No primeiro, “A imprensa, a República e os assimilados: o caso de Moçambique colonial”, é apresentada a situação de Moçambique nos anos iniciais da Primeira República Portuguesa. Como ponto de partida, serão consideradas as conexões entre literatura, história e imprensa nesta pesquisa e analisados os conceitos de intelectuais engajados e assimilados.

No capítulo seguinte, “Em defesa da causa africana”: o jornal *O Africano* e a escrita combativa dos Albasini”, recupera-se o contexto de surgimento do jornal *O Africano* como veículo de comunicação do Grêmio Africano de Lourenço Marques, considerando-se a produção escrita de dois dos principais nomes no periódico: João e José Albasini. Irmãos, ambos foram gestores do periódico durante a maior parte de sua existência, além de principais colaboradores nas produções textuais de *O Africano*. Nesse capítulo, refletiremos também sobre a questão do bilinguismo nas páginas do jornal.

No penúltimo capítulo, “Literatura e sociedade: a crítica social nas páginas de *O Africano*”, trabalharemos as questões temáticas que permearam as linhas do jornal em sua trajetória, entre as quais podemos citar: os desmazelos da Primeira República Portuguesa, a censura durante a Primeira Guerra Mundial, o vinho colonial, a defesa da educação indígena, o fracasso da atuação missionária, as propagandas comerciais e os espaços literários facultados pelo periódico aos colaboradores.

Finalmente, no último capítulo, “Tudo que é sólido desmancha no ar”: os momentos finais de *O Africano*”, analisaremos a atuação crítica do jornal com a publicação da Portaria

dos Assimilados, em 1917, e o apoio da população assimilada a Sidónio Pais na sua curta administração na Primeira República Portuguesa, conhecida como Sidonismo. Além disso, consideraremos o último editorial escrito por João Albassini no número de encerramento da gestão pelos Albassini do periódico, antes de ser vendido ao Padre José Vicente do Sacramento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo bem que nem todas as verdades se dizem, persistimos todavia em dizel-as. É vício de origem que conosco morrerá. (João Albasini)

Ao longo desta pesquisa percebemos que em Moçambique, nas primeiras décadas do século XX, ocorreu o surgimento de uma importante camada populacional reivindicativa, uma elite africana letrada, que buscou trazer à tona suas demandas, críticas, denúncias e dilemas através da organização de uma associação, o Grêmio Africano de Lourenço Marques, e da criação de um jornal, que se tornou seu porta-voz, *O Africano*.

Entre os anos de 1908 a 1919 ocorreu uma forte atividade jornalística nas páginas do periódico, que denunciava as mazelas e abusos das administrações coloniais portuguesas em Moçambique. As pautas de protesto que ganharam forte impacto em suas páginas foram a corrupção moral e de costumes trazida pelo uso do vinho para o preto, a falta de organização para colocar em prática as promessas feitas pela República, a demanda por uma educação que chegasse a todos os habitantes da colônia, a péssima estrutura das missões religiosas e os abusos legislativos da Portaria dos Assimilados.

O Africano foi, em diversos momentos, vítima e colaborador das demandas do seu tempo. Enquanto vítima podemos lembrar a censura que o jornal sofreu em diversos momentos de sua história, principalmente durante a Primeira Guerra Mundial. E, como colaborador, temos que assinalar as propagandas e comunicados que estampavam suas páginas mostrando um claro ideal de civilidade europeia e um padrão de vida próprio da metrópole portuguesa, contradizendo seu discurso em busca da “causa africana”, além da própria colaboração de seu diretor com o Sidonismo.

O Africano, originalmente dirigido por um importante triunvirato (João Albasini, José Albasini e Estácio Dias), estampou em suas páginas o sentimento de insatisfação da população perante as promessas da “missão civilizadora” que Portugal representaria para Moçambique. Em suas linhas, percebemos um sentimento de pertencimento e desejo que fossem considerados como parte da pátria portuguesa, mas na prática diversos mecanismos de exclusão foram criados para que essa elite de assimilados não alcançasse tal estatuto.

Nos textos publicados em suas páginas, há um forte teor literário, que começou a germinar nos primeiros anos de Novecentos. Esse broto de literariedade, que floresceria mais

tarde, deveu-se à potente atividade mental e à erudição de seu diretor: João Albasini, residente em Lourenço Marques, uma importante urbe de trocas culturais e comerciais na região, na qual o trânsito cultural era intenso e reverberava sobre a população. Como um importante centro comercial, político e cultural na região sul de Moçambique, a capital da colônia recebeu diversos emigrantes, o que favoreceu uma forte interação cultural, que repercutiu em sua elite local.

Como membro dessa elite de Lourenço Marques, João Albasini, dono e diretor do periódico, buscava nos seus escritos apresentar-se como africano alfabetizado e digno da alcunha de “cidadão português”. Em seus textos, percebemos o alto conhecimento e domínio da língua portuguesa, o cultivo de outras línguas e literaturas e o uso expressivo da ironia para a criação de uma atmosfera particular em seus textos. Além disso, devemos lembrar a complexidade de criação de seus pseudônimos, João das Regras e Chico das Pegas, que representavam ideais próprios e possuíam uma expedientes textuais também particulares. O contato de João Albasini com administradores coloniais e membros da elite da capital lhe dava um papel de destaque entre os assimilados de Lourenço Marques. Sua alta sociabilidade possibilitou que o jornal sobrevivesse por tantos anos e circulasse por toda a colônia, além de favorecer que o jornalista-escritor conhecesse outras culturas e registros textuais.

Mesmo muitas vezes à sombra de seu irmão, José Albasini possuía características editoriais e escritas próprias, marcadas por um forte desejo de denúncia e combatividade dos abusos do colonialismo português. Após a morte do irmão em 1922, assumiu as pautas reivindicativas da elite de assimilados de Lourenço Marques e administrou o jornal sucessor de *O Africano*, de postura mais radical: *O Brado Africano*. Em raros momentos, Bandana, seu pseudônimo, escreveu em língua portuguesa para os periódicos, mas nesses casos únicos percebemos uma escrita fortemente rebuscada e agressiva, em tudo diversa da de seu irmão, que empregava recursos de ironia e arranjos estilísticos capazes de imprimir literariedade a seu jornalismo.

Além dessas duas importantes figuras que fizeram parte da redação e gestão de *O Africano*, devemos lembrar que o periódico possuía uma considerável diversidade de vozes, já que setores católicos e anarquistas/proletários publicavam no jornal, com suas próprias pautas reivindicatórias. Assim como a colônia era um espaço plural e de disputa de poder, *O Africano* era um espelho dessa sociedade, representava essas diversas vozes combativas e muitas vezes inimigas entre si, demonstrando os dilemas que existiam em suas linhas ao longo de seus onze anos de existência.

Enfim, sem esses dilemas literários, históricos e sociais ativos em suas páginas, *O Africano* não teria se tornado um dos principais periódicos surgidos em Moçambique nas primeiras décadas do século XX. Devemos enfatizar seu importante papel na construção de uma base literária para as futuras gerações de escritores e autores moçambicanos, que fizeram parte posteriormente das colunas de *O Brado Africano* sobre administração de Estácio Dias e José Albasini. Acreditamos que, sem a sustentação propiciada por *O Africano* e seus gestores, os escritores posteriores estariam menos respaldados para a construção de um sistema literário em Moçambique.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

O AFRICANO

O BRADO AFRICANO

Bibliografia

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. *De vãos e ilhas: literatura e comunitarismos*. Cótia-SP: Atelie Editorial, 2007.
- ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. Cótia, SP: Atelie Editorial, 2007.
- ACHEBE, Chinua. *A Educação de uma criança sob o protetorado britânico*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2012.
- ACHEBE, Chinua. Entrevista concedida ao *The Atlantic* online. *An African Voice*, 2 agosto, 2000. Disponível em <http://www.theatlantic.com/past/docs/unbound/interviews/ba2000-08-02.htm> Acessado em 12 de setembro de 2020.
- ACHEBE, Chinua. *Hopes and Impediments, selected essays*. Anchor Books, 1990.
- AFONSO, Aniceto. *Grande Guerra: Angola, Moçambique e Flandres (1914-1918)*. Lisboa: Quidnoi, 2008.
- ALBUQUERQUE, Orlando; MOTTA, José Ferraz. *História da Literatura em Moçambique*. Braga: Edições APPACDM Distrital de Braga, 1998.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Mário Pinto de. *Origens do nacionalismo africano (1911-1961)*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BENJAMIN, Walter. *O autor é um produtor*. São Paulo: Ática, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *O que falar quer dizer*. Lisboa: Difel, 1998.
- BOWAT, Juan Maria Gwasch. O jornalismo em África e no mundo árabe. IN: QUINTERO, Alejandro Pizarroso. *História da Imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996.
- BRAGA-PINTO, César (Org.). *José Albasini. À procura de saúde: crônicas de um doente (1935)*. Maputo: Alcances Editores, 2015.
- BRAGA-PINTO, César; MENDONÇA, Fátima. *João Albasini e as luzes de Nwanzengele. Jornalismo e política em Moçambique (1908-1922)*. Maputo: Alcances Editores, 2014.
- CABRAL, Amílcar. *Libertação Nacional e Cultura. Esquerda*. Disponível em: <https://www.esquerda.net/dossier/amilcar-cabral-libertacao-nacional-e-cultura/63817> Acessado em 12 de setembro de 2020.
- CABRAL, Manuel Villaverde. A Grande Guerra e o sidonismo (esboço interpretativo). *Análise Social*, vol. XV (58), 1919, 373-392
- CAMACHO, Brito. *Portugal na Guerra*. Lisboa: Guimarães & C Editores, 1934.
- CANDIDO, Antonio. A vida aos rés-do-chão. IN: ANDRADE, Carlos Drummond de et al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1987, p. 4-13.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins. 1961.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T. A Queiroz, 2000.

- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. IN: *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 2003, p. 140-162.
- CAPELA, José. *O álcool na colonização do Sul do Save 1860-1920*. Maputo: Litografia Ach. Brito, 1995.
- CAPELA, José. *O vinho para o preto. Notas e textos sobre a exportação do vinho para África*. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, 2009.
- CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lúcia. *O bravo matutino. Imprensa e ideologia: o jornal o Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. História e textualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- CHABAL, Patrick. *Vozes moçambicanas: literatura-nacionalidade*. Lisboa: Vega, 1994.
- CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- CHAUI, Marilena. Intelectuais engajado: uma figura em extinção? IN: NOVAES, Adauto. *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- COELHO, João Paulo Borges. *O olho de Herzog*. Alfragide: Editora Leya, 2010.
- CORBISSIER, Roland. Prefácio. IN: MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- DORES, Hugo Gonçalves. *A missão da República: política e religião e o Império Colonial Português (1910-1926)*. Lisboa: Edições 70, 2015.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FRY, Peter. Culturas da diferença: seqüelas das políticas coloniais portuguesas e britânicas na África Austral. *Afro-Asia*, n. 30, p. 271-316, 2003.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- GUIRRO, Leandro Antonio. *Tempo, papel e tinta: imprensa e fotografia sobre Moçambique (1897-1937)*. Tese (Doutorado em História no Programa de Pós-Graduação em História – UNESP/Assis). Assis: Faculdade de Ciências e Letras, 2018.
- HARTOG, François. *Crer em História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- HOHLFELDT, Antonio. Imprensa das colônias de expressão portuguesa: primeira aproximação. *Comunicação & Sociedade*, ano 30, n. 51, jan./jun. 2009, pp. 135-154.
- HOHLFELDT, Antonio; GRABAUSKA, Fernanda. Pioneiros da imprensa em Moçambique. João Albasini e seu irmão. *Brazilian Journalism Research*. V. 6, n. 1, 2010, pp. 195-214.
- LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. IN: PINSKY, Carla Bassanezi(Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LUCA, Tania Regina de. A Revista do Brasil (1916-1944): notas de pesquisa IN: FERREIRA, Antonio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; LUCA, Tania Regina de (orgs). *O historiador e seu tempo: encontros com a história*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- MACAGNO, Lorenzo. Assimilacionismo. IN: SANSONE, Livio; FURTADO, Cláudio Alves. *Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2014.
- MACEDO, Tania. *Uma cidade e sua escrita: a representação literária de Luanda*. Tese de Livre Docência. Assis: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filhos”, 2003.

- MACEDO, Tania; MAQUÊA, Vera. *Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas – Moçambique*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.
- MADEIRA, Ana Isabel. *Ler, escrever e orar: uma análise histórica e comparada dos discursos sobre a educação, o ensino e a escola em Moçambique 1850-1950. Doutorado em Ciência da Educação*. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 2007
- MATTOS, Norton de. *Memórias e trabalho da minha vida*. Vol IV. Lisboa: Editora Marítimo-Colonial, 1945.
- MELO, A. Borges. *História da Imprensa de Angola*. Rio de Janeiro: Semana Ilustrada Editorial Ltda, 1993.
- MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MENDONÇA, Fátima. “Dos confrontos ideológicos na Imprensa em Moçambique”. IN: CASTELO, Cláudia; THOMAZ, Omar Ribeiro; NASCIMENTO, Sebastião; SILVA, Teresa Cruz (Orgs.) *Os outros da colonização: ensaios sobre o colonialismo tardio em Moçambique*. Lisboa: Imprensa de Ciência Sociais, 2012.
- MENDONÇA, Fátima. *Literatura moçambicana as dobras da escrita*. Moçambique: Ndjira, 2011.
- MENESES, Filipe Ribeiro. O Império Português. IN: GERWARTH, Robert; MANELA, Erez. *Impérios em Guerra (1911-1923)*. Lisboa: Dom Quixote, 2014.
- MINDOSO, André Victorino. *Os assimilados de Moçambique: da situação colonial à experiência socialista*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2017.
- MORAES, Anita Martins Rodrigues de. Notas sobre o conceito de “sistema literário” de Antonio Candido nos Estudos de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. *Itinerários*, Araraquara, n. 30, jan/jun.2010, p. 65-84.
- MOREIRA, José. *Os assimilados, João Albasini e as eleições (1900-1922)*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1997.
- MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. IN: MOUILLAND, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.) *O jornal. Da forma ao sentido*. Brasília: Editora da Universidade Brasília, 2002.
- MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. IN: MOUILLAND, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.) *O jornal. Da forma ao sentido*. Brasília: Editora da Universidade Brasília, 2002.
- NEVES, Olga Maria Lopes Serrão Iglésias. *Em defesa da causa africana: Intervenção do Grêmio Africano na sociedade de Lourenço Marques (1908-1938)*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova Lisboa, 1989.
- NEWITT, Malyn. *História de Moçambique*. Lisboa: Europa-América, 1997.
- N’GANA, Yéo. Uma tradução de *Décoloniser l’esprit de Ngugi wa Thiong’o. Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*. Juiz de Fora, MG: UFJF, v.6, n. 2, 2018, pp. 93-102,.
- NOA, Francisco. *A escrita infinita: ensaios sobre literatura moçambicana*. Maputo: Ndjira, 2013.
- NOA, Francisco P. S. “Da literatura e da imprensa em Moçambique”. IN: RIBEIRO, F; SOPA, A. (Coord.). *140 anos de imprensa em Moçambique: estudos e relatos*. Maputo: AMOLP, 1996.
- NOA, Francisco. *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária*. São Paulo: Editora Kapulana, 2015.

- NOA, Francisco. *Uns e outros na literatura moçambicana: ensaios*. São Paulo: Editora Kapulana, 2017.
- O'LAUGHLIN, Bridget. Class and the customary: ambiguous legacy of the indigenato in Mozambique. *African Affairs*, v. 99, n. 394, p. 5-42, 2000.
- OLIVEIRA, Bruno Ribeiro. *A História da descolonização das mentes em Ngugi wa Thing'o (c. 1964-1986)*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras, 2018.
- OLIVEIRA, Pedro Aires. A república e a Guerra, 1914-1918. IN: AMARAL, Luciano (org.) *Outubro: a revolução republicana em Portugal (1910-1926)*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- PENVENNE, Jeanne Marie. João dos Santos Albasini (1876-1922): the contradictions of politics and identity in Colonial Mozambique. *Journal of African History*, v. 37, n. 3, 1996, p. 419-464.
- PENVENNE, Jeanne M. We are all Portuguese!: challenging the political economy of assimilation, Lourenço Marques, 1870 to 1933. IN: VAIL, Leroy (ed.). *The creation of tribalism in Southern Africa*. Berkeley: University of California, 1989.
- PEREIRA, Matheus Serva. “Anúncios e comunicados: 80 réis por linha”: propaganda e cotidiano nas páginas de *O Africano* (1909-1919). IN: RIBEIRO, Alexandre Vieira; GEBARA, Alexsander Lemos de Almeida (Orgs.) *Estudos africanos: múltiplas abordagens*. Niterói: Editora da UFF, 2013, pp. 73-97.
- PROENÇA, Maria Cândida. *A questão colonial no Parlamento (1910-1926)*. Lisboa: Dom Quixote, 2008.
- REIS, Bruno Cardoso; PINTO, Sérgio Ribeiro. República e Religião, ou a procura de uma separação. AMARAL, Luciano (Org.) *Outubro. A revolução republicana em Portugal (1910-1926)*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- REZENDE, Patrícia Oliveira de. *O ficcional e o histórico na literatura de João Paulo Borges Coelho*. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários. Niterói: Instituto de Letras (UFF), 2016.
- ROCHA, Ilídio. *A imprensa de Moçambique*. Lisboa: Livros do Brasil, 2000.
- RUFINO, José dos Santos. *Álbuns fotográficos e descritivos da colónia de Moçambique*. Vol. 1 (Lourenço Marques – Panoramas da Cidade) Lourenço Marques: A Portuguesa, 1929.
- RUFINO, José dos Santos. *Álbuns fotográficos e descritivos da colónia de Moçambique*. Vol. 10 (Raças, Usos e Costumes Indígenas, Fauna Moçambicana). Lourenço Marques: A Portuguesa, 1929.
- SAID, Edward. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SAMPAIO, Thiago Henrique. O comércio colonial lusitano em transformação: o caso do vinho e algodão em Moçambique (1890-1923). *Faces da História*, v. 5, n. 1, 2018, pp. 225-243.
- SAMPAIO, Thiago Henrique. *Portugal em África: continuidades e rupturas na colonização em Moçambique (1875-1926)*. f. 295. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2018.
- SANTOS, Maria Emilia Madeira. *Viagens de exploração terrestre dos portugueses em África*. Lisboa: Centro de Estudos de Cartografia Antiga, 1978.
- SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.
- SARTRE, Jean-Paul. *Situations II*. Paris: Gallimard, 1948.

- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- SILVA, Augusto Santos. Podemos dispensar os intelectuais? IN: MARGATO, Isabel; GOMES, Renato Cordeiro (org.). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- SOARES, Paulo; ZAMPARONI, Valdemir. Antologia de textos do jornal “O Africano” (1908-1919). *Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro, v. 22, pp. 127-179.
- SÒRIA, Eric. O jornalismo literário – ou a imprensa veículo da literatura moderna. *Caleidoscópio Revista de Comunicação e Cultura*, n. 5/6 (2005), pp. 187-203.
- TEIXEIRA, Nuno Severiano. Colônias e colonização portuguesa na cena internacional (1885-1930). IN: BETHENCOURT, Francisco; CHAUDHUI, Kirti. *História da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 2001.
- THIONG’O, Ngugi. *Decolonising the mind*. James Carrey, 2005.
- THIONG’O, Ngugi. The Commitment of the Intellectual. *Review of African Political Economy*, v. 12, n. 32, p. 18-24. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/03056248508703611>. Acessado em 13 de setembro de 2020.
- THOMAZ, Fernanda do Nascimento. *Os “Filhos da Terra”: discurso e resistência nas relações coloniais no sul de Moçambique (1890 – 1930)*. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2008.
- WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. O intelectual e o espaço público. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 26, 2009, pp. 219-232.
- ZAMPARONI, Valdemir. A imprensa negra em Moçambique: a trajetória de “O Africano” (1908-1920). *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, SP, v. 11, n. 1, 1988, pp. 73-86.
- ZAMPARONI, Valdemir D. “Colonialismo, jornalismo, militância e apropriação da língua portuguesa em Moçambique nas décadas iniciais do século XX”. IN: GALVES, Charlotte; GARMES, Helder; RIBEIRO, Fernando Rosa. *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- ZAMPARONI, Valdemir D. *Entre Narros e Mulungos: colonialismo e paisagem social em Lourenço Marques, Moçambique, c. 1890-c. 1940*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social. São Paulo: USP, 1998.
- ZAMPARONI, Valdemir. Saúde e fraternidade!: ecos e leituras da proclamação da República Portuguesa em terras africanas. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 21, n. 40, pp. 111-129.